

2

Breve momento de escrita: quem foram os primeiros românticos

“Hoje, poucas pessoas vão querer dar a esta palavra um sentido real e positivo”¹. Essas linhas de Baudelaire, escritas em 1846, comentavam a palavra “romantismo”. De lá para cá, a fortuna do termo não mudou muito, talvez tenha até decaído. É comum empregarmos o adjetivo “romântico” para falar da ingênua nostalgia do passado ou da sonhadora esperança do futuro. Tais sentimentos podem até ter raízes, de fato, românticas, mas de modo nenhum dão conta, em sua simplicidade, do que foi o romantismo ou daquilo que, em seus melhores momentos, ele pretendeu. Menos ainda nos trazem o que permanece pulsando no pensamento romântico quando lemos os seus primeiros autores.

Não é novidade a dificuldade de definir o escopo de movimentos literários, escolas filosóficas ou períodos históricos. Nem é diferente com o romantismo, especialmente se lembramos que ele “foi um movimento literário, mas também foi uma moral, uma erótica e uma política”, como observou o poeta Octavio Paz, completando ainda que, “se não foi uma religião, foi algo mais que uma estética e uma filosofia: um modo de pensar, sentir, enamorar-se, combater, viajar” – “um modo de viver e um modo de morrer”².

Esse amplo raio de ação do romantismo explicita pelo menos dois fatores que dificultam a tarefa de defini-lo. Primeiro, os românticos, em geral, buscaram mais borrar demarcações do que desenhá-las, apagar fronteiras do que fixá-las, misturar gêneros do que conceituá-los. Segundo, seu caráter transgressor os fazia atacar cada fundamento conquistado e cada caracterização mais sólida, que eram rapidamente derrubados pelo poder corrosivo da sua própria crítica. Em suma:

¹ Charles Baudelaire, “Salão de 1846”, in *Poesia e prosa* (Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1995), p. 674.

² Octavio Paz, *Os filhos do barro* (Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1984), p. 83.

como definir algo que já foi chamado de “revolução permanente”³, que se quer essencialmente inquieto, irônico e contraditório?

Não é difícil, portanto, concordar com Arthur O. Lovejoy, para quem nenhuma visão do homem ou do mundo e nenhuma forma filosófica ou estética específicas caracterizariam de modo pertinente tudo aquilo que chamamos de romântico⁴. Ele achava que definir o romantismo seria impossível, por conta das diversas matrizes envolvidas neste fenômeno cultural ocidental entre 1780 e 1848. Para além das divergências nacionais e das diferenças ideológicas, até essa suposta limitação cronológica parecia extremamente flexível. Resumindo, a dificuldade de compreender o romantismo não advém da escassez de definições sobre ele, mas sim do excesso.

Não pretendo desmentir essa tese, como tentou fazer, por exemplo, René Welleck, ao caracterizar o romantismo pela predominância da imaginação, da natureza, do símbolo, do mito e, sobretudo, pela união de sujeito e objeto⁵. Mas caberia questionar se a resistência a definições que exhibe o romantismo não é, por si mesma, fator decisivo para compreender o que ele é. Se for assim, é como se o romantismo, por si mesmo, já nos forçasse a pensar para além do modo classificatório habitual que ele tanto criticou.

Mesmo porque, como notou Charles Larmore, “sem dúvida, os temas românticos formaram nosso pensamento e nossa experiência de muitas maneiras, mas nós ainda precisamos ver claramente qual sua verdadeira promessa”⁶. Bem antes dele, Baudelaire já pedia: “que nos lembremos das inquietudes destes últimos tempos, e veremos que, se restaram poucos românticos, foi porque poucos dentre eles encontraram o romantismo”⁷. Dentre os poucos, estavam aqueles nos quais nos deteremos, aqui, particularmente: os primeiros românticos, assim chamados por terem, pela primeira vez, assumido a palavra “romântico” como ponto central de seu pensamento e a empregado positivamente.

³ Charles Rosen e Henri Zerner, *Romanticism and Realism: The Mythology of Nineteenth-Century Art* (New York, The Viking Press, 1984), p. 7-48.

⁴ Arthur O. Lovejoy, “On the Discrimination of Romanticisms”, in *Essays in the History of Ideas* (Baltimore, Johns Hopkins University Press, 1948), p. 228-253.

⁵ René Welleck, “The concept of Romanticism in Literary History” e “Romanticism Re-examined”, in *Concepts of Criticism* (New Haven, Yale University Press, 1963), p. 161 e 218.

⁶ Charles Larmore, *The Romantic legacy* (New York, Columbia University Press, 1996), p. xv.

⁷ Charles Baudelaire, “Salão de 1846”, in *Poesia e prosa* (Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1995), p. 674.

*

É claro que, assim, privilegio a abordagem “histórica” singular que situa no tempo e no espaço o romantismo, ainda que seus efeitos não fiquem aí circunscritos. Dou menor ênfase à abordagem “psicológica”, que dilata o adjetivo romântico para diversos lugares e épocas, sem preocupação com sua situação específica. Parece-me que esta abordagem, embora tenha seu papel, pode trair a historicidade exigida pelos próprios primeiros românticos e corre o risco de, em meio à vulgata do “sentimento do sentimento”, perder, mais uma vez, o que ficou prometido na sua origem. Mesmo porque, os primeiros românticos, como notou Frederick Beiser, são parte do “esforço contra o subjetivismo” da filosofia alemã no final do século XVIII: “bem antes de consistir no triunfo progressivo do subjetivismo, na gradual expansão do círculo da consciência, o desenvolvimento do idealismo alemão é mais a história da crescente reação contra o subjetivismo”⁸.

É comum situar “a emergência do romantismo”⁹ entre os ingleses e, sobretudo, os alemães. Muitas foram as razões aventadas para justificar “a primazia da vertente alemã (de 1796 em diante), a primeira a empregar, numa conotação crítica e histórica, a palavra *romântico*, e que selaria a fortuna teórica desse termo”¹⁰. É certo que a Reforma Protestante, ao defender que a interpretação da Bíblia não era exclusiva da Igreja mas dependia da revelação pessoal, contribuiu, com seu exemplo, para a liberdade que os românticos queriam na leitura de todo e qualquer texto. “Lutero conquistou a liberdade espiritual (...), estabelecendo vitoriosamente que aquilo que seria a eterna determinação do homem deveria acontecer nele mesmo”¹¹, como notou Hegel. Também não há dúvida de que o atraso cultural alemão frente à Itália e à França estimulava a tentativa de criação intelectual independente da tradição clássica que reinava nesses países, que se colocavam como herdeiros da antiguidade grega. Foi isso que alimentara já o pré-romantismo alemão.

⁸ Frederick C. Beiser, *German idealism: the struggle against subjectivism, 1781-1801* (Cambridge, Harvard University Press, 2002), p. 2.

⁹ Nicholas V. Riasanovsky, *The Emergence of Romanticism* (New York, Oxford University Press, 1992).

¹⁰ Benedito Nunes, “A visão romântica”, in J. Guinsburg, *O romantismo* (São Paulo, Perspectiva, 2002), p. 52.

¹¹ G. W. F. Hegel, *Filosofia da história* (Brasília, Editora UnB, 1999), p. 362.

Mas, além de tudo isso, havia o clima comum, na Europa, de excitação por conta do evento político capital que foi a Revolução Francesa, em 1789, bem como de seus efeitos: a queda da monarquia em 1792, a fundação da República, a decapitação de Luiz XVI, a ditadura jacobina. Seu impacto entre os alemães não tem como ser superestimado. Kant, como se sabe, percebia nos espectadores da Revolução Francesa certa simpatia de aspirações que chegava ao entusiasmo¹². Segundo famosa anedota, seu passeio diário pela cidade de Königsberg, realizado religiosamente na mesma hora durante toda a vida, só foi interrompido uma vez, para conseguir notícias da Revolução Francesa.

Entretanto, uma “revolução poderá talvez realizar a queda do despotismo pessoal ou da opressão ávida de lucros ou de domínios, porém nunca produzirá a verdadeira reforma do modo de pensar”¹³, dizia Kant. Essa foi a direção forte tomada pela cultura alemã: pensar as transformações que ocorriam no âmbito mundano da história. Heine falava aos franceses: “nós tivemos revoltas no mundo intelectual assim como vocês no mundo material, e ficamos tão excitados com a demolição do dogmatismo antigo quanto vocês com a queda da Bastilha”¹⁴. Marx encontrava entre os alemães a consciência teórica do que as outras nações estavam fazendo naquela mesma época¹⁵.

Essa direção, para Marcuse, deveu-se ao fato de que os alemães não encontravam as condições econômicas e políticas para seguir o exemplo francês e perpetrar a revolução concreta. Nesta altura, o território alemão estava fragmentado em inúmeros principados e sua população era sobretudo agrária, sem a formação da classe média que poderia se opor ao governo. Por aí, Marcuse explica o caráter idealista da filosofia alemã: “enquanto a Revolução Francesa começava por assegurar a realização da liberdade, ao idealismo alemão cabia apenas se ocupar com a idéia de liberdade”¹⁶. Lukács caminha em compreensão semelhante, ao falar sobre o jovem Hegel, contemporâneo dos românticos.

¹² I. Kant, *O conflito das faculdades* (Lisboa, Edições 70, 1993).

¹³ I. Kant, “Resposta à pergunta: que é ‘Esclarecimento’?”, in *Textos seletos* (Petrópolis, Vozes, 1985), p. 104.

¹⁴ Heinrich Heine, “Concerning the History of Religion and Philosophy in Germany”, in *The Romantic School and Other Essays* (New York, Continuum, 1985), p. 212.

¹⁵ Karl Marx, *Crítica da filosofia do direito de Hegel* (São Paulo, Boitempo, 2005).

¹⁶ Herbert Marcuse, *Razão e Revolução: Hegel e o advento da teoria social* (São Paulo, Paz e Terra, 2004), p. 16.

Estamos no início de um novo período histórico: é o que Hegel nos diz nos cursos ministrados em Iena. A evolução da humanidade – que conheceu uma crise na época do iluminismo e, em particular, com a Revolução Francesa – atingiu agora uma nova forma, recebeu uma nova figura no período napoleônico; e a tarefa da Alemanha é encontrar em sua literatura, em sua filosofia, a ideologia e o espírito deste novo período.¹⁷

É conhecido o repúdio de Hegel à Revolução Francesa e, sobretudo, ao período do Terror que se seguiu, pois esta liberdade solta se opunha à exigência de um Estado, crucial para ele. Porém, o impacto prolongado por Napoleão, a quem Hegel saudara como a “alma do mundo a cavalo”, refletia o sentimento de que o espírito rompeu com o mundo “que até hoje durou; está a ponto de submergi-lo no passado, e se entrega à tarefa de sua transformação”, portanto, esse desmoronar-se gradual “é interrompido pelo sol nascente, que revela num clarão a imagem do novo mundo”¹⁸.

Embora os primeiros românticos sejam muito diferentes de Hegel, provavelmente eles concordariam, vagamente, “que nosso tempo é um tempo de nascimento e trânsito para uma nova época”¹⁹. Não por acaso, Friedrich Schlegel, líder do primeiro grupo romântico, afirma que “a Revolução Francesa, a doutrina-da-ciência de Fichte e o Meister de Goethe são as maiores tendências da época”²⁰. Nessa passagem, é preciso frisar a palavra “tendência”, pois ela dá o sentido de trânsito e nascimento a que se referia Hegel, ou seja, de que a época não está pronta, mas, antes, em devir. Só que, diferentemente de Hegel, Friedrich Schlegel não supunha que tal transformação cessaria e alcançaria um fim, pois, assim como “o gênero poético romântico”, poderíamos dizer: “sua verdadeira essência é mesmo a de que só pode vir a ser, jamais ser de maneira perfeita e acabada”²¹.

Revolução Francesa na política, Fichte na filosofia e Goethe nas artes seriam as grandes tendências da época. Diante da aparente disparidade de gravidade do âmbito político perante o filosófico e o artístico, Friedrich Schlegel adverte: “alguém que se choca com essa combinação, alguém ao qual nenhuma revolução pode parecer importante, a não ser que seja ruidosa e material, alguém

¹⁷ György Lukács, *O jovem Marx e outros escritos de filosofia* (Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 2007), p. 100-101.

¹⁸ G. W. F. Hegel, *Fenomenologia do espírito – parte I* (Petrópolis, Vozes, 2000), p. 26.

¹⁹ *Ibid.*, p. 26.

²⁰ Friedrich Schlegel, *O dialeto dos fragmentos* (São Paulo, Iluminuras, 1997), p. 83 (*Athenäum*, Fr. 216).

²¹ *Ibid.*, p. 65 (*Athenäum*, Fr. 116).

assim ainda não se alçou ao alto e amplo ponto de vista da história da humanidade”²². Mas ele não pára por aí, e destaca que “alguns livrinhos, nos quais na época a plebe não prestou muita atenção, desempenham um papel maior do que tudo o que esta produziu”²³.

Esse tipo de declaração motivou, mais tarde, o ataque ao “romantismo político” por Carl Schmitt. Para ele, estaria presente aí certa absolutização da arte, e “nem decisões religiosas, morais ou políticas e nem conceitos científicos são possíveis no domínio daquilo que é exclusivamente estético”²⁴. Ele situa o romantismo na linhagem da filosofia moderna que, por sua vez, “é governada por um cisma entre pensamento e ser, conceito e realidade, mente e natureza, sujeito e objeto”²⁵. No caso romântico, esses conflitos seriam solucionados, segundo ele, pela arte: “todas as oposições e diferenças, bem e mal, amigo e inimigo, Cristo e Anticristo, podem se tornar contrastes estéticos e meios de compor um romance, e podem ser esteticamente incorporadas no efeito total de uma obra de arte”²⁶.

Schmitt, contudo, engana-se ao generalizar que a reação estética do romantismo ao racionalismo moderno “transforma as oposições em balanceada harmonia estética”²⁷. Tal afirmação não é válida para todas as vertentes românticas e, a meu ver, certamente não para a primeira, já que ela não acreditava, a rigor, em solução final para os conflitos com que lidava. É verdade que, pelo menos em seu sentido estrito, os primeiros românticos não primam pela ação política, como aponta Schmitt. Mas isso não faz deles escapistas ou conformistas, pois a arte, pensavam, tem caráter eventualmente revolucionário, embora sem os ruídos da ação política e por outras vias.

Por isso, a acolhida romântica da Revolução Francesa não foi total. Se os ideais de liberdade e fraternidade pareciam ir ao encontro do romantismo, já a igualdade parecia ir de encontro a ele, por conta de sua valorização da diferença, entre indivíduos ou nações mas também filosoficamente. Foi este mesmo motivo que levou os românticos a reagirem diante do racionalismo do iluminismo, cujo caráter universalista trazia, segundo eles, a pretensão de tornar homogêneo o que é

²² Friedrich Schlegel, *O dialeto dos fragmentos* (São Paulo, Iluminuras, 1997), p. 83 (*Athenäum*, Fr. 216).

²³ *Ibid.*, p. 83 (*Athenäum*, Fr. 216).

²⁴ Carl Schmitt, *Political Romanticism* (Cambridge, MIT, Press, 1986), p. 16.

²⁵ *Ibid.*, p. 52.

²⁶ *Ibid.*, p. 16.

²⁷ *Ibid.*, p. 55.

heterogêneo: os homens, os países, a própria vida. Isso os levava a desconfiar bastante da Revolução Francesa, não apenas pelo terror por ela desencadeado com Robespierre e os jacobinos, mas também porque, especialmente com Napoleão, revelava-se um ímpeto imperialista temerário, que ameaçava impor violentamente os padrões franceses sobre a Europa.

A Revolução Francesa pode ser considerada o maior e mais notável fenômeno da história dos Estados, um terremoto quase universal, um imenso dilúvio no mundo político; ou o protótipo das revoluções, a revolução pura e simples. Estes são os pontos de vista habituais. Mas também pode ser considerada como centro e apogeu do caráter nacional francês, onde estão concentrados todos os paradoxos dele, como o mais temível grotesco da época, onde seus preconceitos mais arraigados e pressentimentos mais fortes se mesclam num caos pavoroso, se enredam da maneira mais bizarra numa colossal tragicomédia da humanidade.²⁸

Esta ambivalência pela qual os primeiros românticos, como Friedrich Schlegel, relacionaram-se com a Revolução Francesa, às vezes louvada, às vezes renegada, enraíza-se na disputa franco-alemã que remonta ao pré-romantismo germânico, pois ali se formou certa consciência pela qual não apenas se buscava o caráter individual da nação mas, além disso, recusava-se, sobretudo, a perpetuação francesa dos “preconceitos arraigados” provenientes da continuação impensada da antiguidade. Recusar a Revolução Francesa era recusar o possível expansionismo do neoclassicismo francês e de sua estreita interpretação do classicismo propriamente grego.

Se os primeiros românticos, portanto, queriam uma revolução, ela não era política, mas artística e filosófica. “Para a Alemanha, havia apenas um caminho para a cultura: o interno, o da revolução do espírito”²⁹, comenta Lukács. Friedrich Schlegel afirmava que “a poesia e o idealismo são os centros da arte e cultura alemãs”³⁰. Se, das três tendências da época, a política possuía cunho francês, a artística e a filosófica caberiam aos alemães. São elas que os próprios românticos, portanto, buscaram levar adiante.

*

²⁸ Friedrich Schlegel, *O dialeto dos fragmentos* (São Paulo, Iluminuras, 1997), p. 134 (*Athenäum*, Fr. 424).

²⁹ Georg Lukács, *Die Seele und die Formen. Essays* (Darmstadt e Neuwied, Luchterhand, 1971), p. 65.

³⁰ Friedrich Schlegel, “Über die Unverständlichkeit”, in *Kritische Schriften* (München, Carl Hanser Verlag, 1970), p. 534.

Pouco a pouco, se não definimos o romantismo, pelo menos nos aproximamos da sua origem. Situá-lo perto da filosofia idealista alemã pareceu ser, até aqui, o melhor caminho, como notou Rudolf Haym ao falar da “escola romântica”³¹ ainda no século XIX. Mas ele pode trazer a tentação de fazer do primeiro romantismo alemão a mera versão literária da filosofia de Fichte, Schelling e até de Hegel. Tão certo quanto o estreito vínculo entre românticos e idealistas é que uns não foram só a tradução poética dos conceitos dos outros. Existe, nesta hipótese, o básico problema biográfico: Fichte logo desvinculou suas idéias daquelas dos românticos, Schelling participa do grupo romântico mas depois se afasta deles pela maior parte da vida e Hegel os atacava veementemente³².

Mas o maior problema desta cômoda compreensão dos românticos como versão abrandada das teorias idealistas é que ela passa por cima, em sua distinção, justamente do que está em jogo. Tende-se a sugerir, então, a figura caricata do romantismo sentimental, subjetivo, irracional, impulsivo, caótico e dispersivo, julgando-o segundo as alternativas duais que, ao menos na sua primeira expressão, ele questionava, nas quais, do lado oposto, estariam a frieza, o objetivo, o racional, a sobriedade, a ordem e o centro. Em geral, essas dualidades são trazidas à tona para situar a origem do romantismo alemão no extremo inferior das hierarquias de valor assim estabelecidas – extremo no qual se enquadrariam muitas manifestações românticas outras, tardias ou anteriores, mas não as do próprio primeiro romantismo. Dentre as dualidades, está a alternativa entre filosofia ou poesia. Mas, no primeiro romantismo, trata-se de filosofia e poesia, da relação amorosa entre elas.

Do ponto de vista tradicional, porém, essa relação feita pelos românticos em geral foi vista como mútuo empobrecimento. Nicolai Hartmann afirmava que só assim entende-se “que de fato a filosofia se torne para eles simbolicamente vaga e a poesia transborde intelectualidade metafísica”³³. Sua visão parece não

³¹ Rudolf Haym, *Die romantische Schule* (Berlin, Gaertner, 1870).

³² “É, de fato, no esforço de pensamento para superar o ‘romantismo’ de sua juventude, romantismo que foi de toda a sua geração, que consiste a grandeza de Hegel”. Alexandre Koyré, “Hegel em Iena”, in *Estudos de história do pensamento filosófico* (Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1991), p. 140.

³³ Nicolai Hartmann, *A filosofia do idealismo alemão* (Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, s/d), p.192.

comportar justamente a duplicidade do pensamento filosófico e poético dos românticos, empurrando-o só para o lado da arte: “o romantismo puro é tudo menos filosofia; mais próximo dele se encontra a poesia”³⁴.

Este é, ainda hoje, o desafio que os primeiros românticos impõem e a razão pela qual permanecem, em geral, discretamente mencionados, seja na arte ou na filosofia, pois cada lado os vê como impuros demais para si e, portanto, prefere jogá-los para o outro. No caso mais agudo da filosofia, os primeiros românticos são vítimas de grande preconceito por conta da forma fragmentária na qual apresentaram seu pensamento, em especial na sua época, na qual reinava a forma do sistema. Nicolai Hartmann os acusou da falta de um “sistema de conceitos”³⁵. Nesses casos, julga-se o sintoma, ou seja, a aparência do pensar na forma de fragmentos, sem, contudo, olhar a sua causa, pois tal escolha, no caso romântico, longe de ter sido feita pela carência de filosofia, foi feita por razões filosóficas.

Tentou-se, às vezes, dizer que se trataria, então, de crítica de arte. Mas como ignorar os poemas, romances, peças, contos e demais experimentações de linguagem que os primeiros românticos fizeram e que dificilmente se enquadrariam no conceito corrente de crítica, aliás tão diferente do deles? Não bastasse isso, é possível que assim apenas redobrássimos o problema, pois faltaria compreender a natureza filosófica que assume a crítica de arte romântica. Mesmo que isso fosse possível, restaria a questão crucial de que, como notou Benjamin, os românticos “superaram a diferença entre a crítica e a poesia”³⁶.

Permanece, assim, o problema do sentido do romantismo na sua origem. Mas isto pode não ser mau, já que é sinal de que ele continua a desafiar nossas maneiras habituais de pensar, mesmo passados mais de dois séculos. Pode valer, por fim, lembrar que, segundo os próprios primeiros românticos, “o sentido somente entende algo quando o acolhe em si como germe, o alimenta e deixa crescer até a flor e o fruto”³⁷. Sendo assim, melhor do que definir o primeiro romantismo, é acolhê-lo e aguardar a flor e o fruto que podem advir do seu crescimento.

³⁴ Ibid., p. 189.

³⁵ Ibid., p. 189.

³⁶ Walter Benjamin, *O conceito de crítica de arte no romantismo alemão* (São Paulo, Iluminuras, 1999), p. 77.

³⁷ Friedrich Schlegel, *O dialeto dos fragmentos* (São Paulo, Iluminuras, 1997), p. 145 (*Idéias*, Fr. 5).

*

Diante da gritante dificuldade de classificar o sentido do pensamento do primeiro romantismo alemão, seja como filosofia, arte ou crítica de arte, já que ele inclui tudo isso mas segundo relações sempre novas para a nossa tradição, Philippe Lacoue-Labarthe e Jean-Luc Nancy, por exemplo, preferem defini-lo segundo critérios bastante empíricos.

Todo o “projeto” romântico está nisso: este *momento de escrita* breve, intenso e brilhante (cerca de dois anos e algumas centenas de páginas), que por si só abre toda uma era, mas se exaure na sua inabilidade de alcançar sua própria essência e objetivo, e que, em última instância, não encontra nenhuma outra definição senão um lugar (Iena) e uma revista (a *Athenäum*).³⁸

Pode até ser que, além de Iena, tenha havido mais alguma cidade, como Dresden. Pode ser que não tenha sido só uma revista, mas tenham sido três. Pode ser que não tenham sido dois anos, mas cinco. Mesmo que se alargue a definição, porém, o núcleo do primeiro romantismo alemão continua sendo Iena, a *Athenäum* e os anos de 1798 a 1800. Seu pequeno raio no espaço e sua rápida presença no tempo são, no entanto, inversamente proporcionais à sua energia, ao seu empenho e à verdadeira revolução que fizeram no pensamento diante dos marcos tradicionais, especialmente no campo da teoria da arte.

Situados, portanto, na parte mais ao norte do território alemão, os jovens primeiros românticos puderam usufruir da paz que reinava ali em Iena com o armistício que veio em 1795 depois da derrota da Prússia e de seus aliados na guerra contra a França, bem como de uma universidade com grande liberdade acadêmica devido a diversos fatores históricos³⁹, na qual lecionaram Reinhold, Schiller, Fichte, Schelling e Hegel. No meio do furacão que varria a época, eles buscaram responder, pelo pensamento, ao que então ainda nascia: a modernidade.

Parece razoável datar em 1796 o início dessa estória. No verão deste ano, Friedrich Schlegel juntou-se a seu irmão mais velho, August, na cidade de Iena, onde este lecionava. Naquela altura, Friedrich já escrevera, mas não publicara, o

³⁸ Philippe Lacoue-Labarthe e Jean-Luc Nancy, *The literary absolute: the theory of literature in German romanticism* (New York, State University of New York Press, 1988), p. 7.

³⁹ Foi o que notou Theodore Ziolkowski, *German Romanticism and its Institutions* (New Jersey, Princeton University Press, 1990).

ensaio *Sobre o estudo da poesia grega*, texto que adianta muitos temas e posições românticas sobre a relação com a antiguidade clássica, embora num estilo tímido e pouco resolvido. Seu irmão já era, então, respeitado crítico literário, tendo valorizado autores como Dante e Shakespeare, que seriam centrais para o cânone estético romântico.

Em 1797, Friedrich vai a Berlim. Lá, torna-se amigo de Schleiermacher, teólogo cujo pensamento formulou as bases da hermenêutica moderna, e de Ludwig Tieck, conhecido autor de peças, romances e alguns ensaios. Desde que fora estudante em Leipzig, ele também fizera laços de amizade bem próximos com Friedrich von Hardenberg, mais conhecido pelo pseudônimo Novalis, figura central da poesia ocidental e decisiva na filosofia romântica. Todas essas relações, entre outras, teciam os fios que serviriam de rede para que se formasse o movimento romântico.

Seus primeiros encontros grupais ocorreram no verão de 1798, em Dresden, por convite dos irmãos Schlegel. Estavam lá Caroline Schlegel, esposa de August, e Novalis, além de Fichte, professor de muitos deles, e de seu discípulo Schelling. Parte desses encontros era no museu da cidade. Temos alguma noção de seu conteúdo pois nessa altura a *Athenäum* já havia sido fundada pelos irmãos Schlegel, que a comandavam. Nela, August e Caroline publicaram o texto *As pinturas*, que, em forma de diálogo, dava conta das “conversações no Museu de Dresden”. Esse texto adianta a discussão central dos primeiros românticos sobre a linguagem, pois gira em torno da sua relação com as artes plásticas em geral. “Para todas as artes, como quer que se chamem, o único órgão de comunicação comum é a linguagem”⁴⁰, chegam a afirmar.

É possível que 1799 tenha sido o ano em que a interação do grupo atingiu o cume. Entre 11 e 15 de novembro, ocorreu a mais famosa reunião dos primeiros românticos em Iena, nas quais estavam presentes os irmãos Schlegel e Tieck com suas respectivas companheiras, Schelling, o físico Johann Wilhelm Ritter e Novalis junto com seu irmão. Novalis, aliás, lê seu texto *A cristandade ou a Europa* para o grupo, que no entanto não o acolhe como esperava seu autor e, assim, é recusado para publicação na *Athenäum*.

⁴⁰ Caroline y August Schlegel, *Las pinturas* (Buenos Aires, Biblos, 2007), p. 37.

Embora tenha sido recusado pelo grupo, este texto serve, até hoje, para alimentar a polêmica que tenta, retrospectivamente, enxergar certo “conservadorismo romântico” que, por sua vez, colocaria o movimento na “origem do totalitarismo”⁴¹ político que vicejou entre os alemães mais de um século depois. Lidas assim, as teses religiosas de Novalis, desde a defesa do cristianismo, conteriam contornos reacionários. Esta leitura, porém, costuma esquecer a forte ambiguidade do texto, que não permite simplesmente alojá-lo no começo desta linhagem conservadora. Sua singularidade gritante suscitara divergência de opiniões desde sua origem, quando foi lido entre os primeiros românticos alemães, revelando, aliás, como era concretamente a dinâmica de seus encontros.

Neste caso, por exemplo, Schelling escreveu um poema satírico contra Novalis e o entusiasmo religioso do texto. Friedrich Schlegel, então, sugeriu a publicação conjunta do escrito de Novalis e do poema de Schelling. Retrospectivamente, Dorothea Veit e Tieck deram depoimentos contraditórios sobre o tema: a primeira dizia apenas ela ter sido contra a publicação, enquanto o segundo falava de rejeição geral ao texto de Novalis. Schleiermacher, embora não estivesse no encontro, tomou conhecimento do escrito e não gostou, sobretudo da visão exposta sobre o papado romano. August Schlegel sugeriu pedir a opinião de Goethe, que desaconselhou a publicação do texto, tendo em vista as polêmicas reações que a *Athenäum* já vinha suscitando⁴².

No ano de 1800, o último de grande vigor do grupo, Friedrich Schlegel publica aquele que talvez seja o mais fundamental documento do primeiro pensamento romântico, a *Conversa sobre a poesia*. Sua centralidade aumenta pelo fato de que a dita conversa envolve personagens que correspondem ao retrato do núcleo do grupo de Iena: “Antonio” é o próprio Friedrich, “Camila” é sua companheira e futura esposa Dorothea, “Andrea” é o irmão August Wilhelm Schlegel, “Amalia” é sua mulher Caroline, “Lothario” é Novalis, “Marcus” é Tieck e “Ludoviko” é Schelling. Logo no início do texto, Friedrich Schlegel, em tom que confunde o biográfico e o ficcional, explica o seu teor.

⁴¹ Roberto Romano, *Conservadorismo romântico. Origem do Totalitarismo* (São Paulo, Unesp, 1997).

⁴² Essas informações podem ser achadas em José Miranda Justo, “As articulações do pensamento e a questão da história”, in Novalis, *A cristandade ou a Europa* (Lisboa, Antígona, 2006), p. 7.

Tem-me sido sempre estimulante falar de poesia com poetas e pessoas de inclinação poética. De muitas conversações deste gênero jamais me esqueci, enquanto de outras já não sei ao certo o que pertence à fantasia e o que pertence à lembrança; muita coisa efetivamente ocorreu, e o resto terei inventado. Como na conversa que se segue, que deve apresentar em oposição pontos de vista completamente diferentes, cada qual podendo apontar o espírito infinito da poesia sob uma nova luz, e todos eles se esforçando, mais ou menos, às vezes de um ângulo, às vezes de outro, para alcançar o âmago da questão. O interesse desta variedade de abordagens fez-me decidir por partilhar o que havia observado numa roda de amigos, e inicialmente pensado apenas em referência a estes...⁴³

Tal partilha é a escritura do primeiro romantismo alemão. Na explicação da estrutura de “conversa” de seu texto, Friedrich Schlegel, ao mesmo tempo, situa a razão de ser da forma do “fragmento”, provavelmente a mais central daquelas empregadas por ele e seus amigos. Fragmento, para os românticos, não era algo póstumo ou circunstancialmente incompleto, mas o modo, por excelência, de abordar a verdade ou, como eles chamavam, o absoluto. Este modo era justamente o da combinação de diferentes perspectivas, como, por exemplo, as diversas opiniões de um diálogo, de sorte que cada uma delas pudesse lançar foco de luz sobre este ou aquele aspecto da questão.

É claro, ainda pela passagem citada, o quão decisivas eram as relações fraternais do grupo, o que fora anunciado, aliás, desde o início do projeto da *Athenäum*. Seus laços iam além dos objetivos artísticos ou filosóficos. Eram laços amorosos, tanto de amizade quanto eróticos. Não apenas os irmãos Schlegel estavam lá com suas companheiras. Schelling, por exemplo, parece ter tido especial interesse por Caroline, mulher de August com quem ele se casaria mais tarde, em 1803. Ela, aliás, recebeu, por parte de Schiller, a alcunha de “Madame Lucífer”⁴⁴, por conta da atração sexual e intelectual que exercia sobre os homens nos círculos sociais da época. Romanticamente, o convívio no grupo encorajava a interação que fugisse dos padrões tradicionais de relacionamento social e buscava exercitar o lado mais liberal da ascendente classe burguesa.

Liberal, para os românticos, era “aquele que é, como que por si mesmo, livre de todos os lados e em todas as direções, e atua em toda a sua humanidade; que venera, na medida de sua força, tudo aquilo que age, é ou será, e participa de toda vida sem se deixar desviar, por visões limitadas, ao ódio ou desprezo por ela”

⁴³ Friedrich Schlegel, *Conversa sobre a poesia* (São Paulo, Iluminuras, 1994), p. 31.

⁴⁴ É o que nos conta Gisela Dischner, *Caroline und der Jenaer Kreis* (Berlin, Verlag Klaus Wagenback, 1979), p. 81.

⁴⁵. É a disposição de conversar, de não se limitar, de comunicar. E os amores eram as experiências mais felizes nesse sentido. Friedrich Schlegel, que defendera abertamente o amor livre no seu romance *Lucinda*, de 1799, não hesitou em deixar isto claro em um dos fragmentos da *Athenäum*.

Quase todos os matrimônios são apenas concubinato, casamento morganático ou, antes, tentativas provisórias e aproximações longínquas de um casamento efetivo, cuja essência própria (...) consiste em que muitas pessoas devem se tornar uma só. Pensamento primoroso, cuja realização parece no entanto envolver muitas e grandes dificuldades. Por isso mesmo, aqui se deveria limitar o menos possível o arbítrio, que também deve ter direito à palavra quando o que está em questão é se alguém quer ser um indivíduo por si ou apenas parte integrante de uma personalidade coletiva; e não se pode prever o que de profundo se poderia objetar contra um casamento *à quatre*. Se, não obstante, o Estado quiser manter à força essas tentativas frustradas de matrimônio, impedirá com isso a possibilidade do próprio matrimônio, que poderia ser estimulado por tentativas novas e talvez mais felizes.⁴⁶

Em seus momentos mais audaciosos, alguns dos membros do círculo romântico, na esteira das sugestões de Friedrich Schlegel, iriam até imaginar que ali podia se formar algo como uma sociedade secreta, marginal. Para além das curiosidades biográficas, isto é coerente, a despeito da possível ingenuidade, com a crítica romântica à crescente atomização da sociedade moderna e com o seu repúdio à cultura filistéia que, prezando a erudição vazia, tirava da arte sua ligação com a vida e da vida sua ligação com a arte.

Essa interação afetiva e criativa estimulava todo o grupo. Estudando juntos, indo a aulas juntos, em contato com as maiores figuras da época, como Goethe, Schiller e Fichte, discutindo exaustivamente a filosofia e a arte de seu tempo, mas também a política e a sociedade, os primeiros românticos deram luz a uma comunidade intelectual única. Sua intensa convivência vinha de par com a importância que a amizade e o amor tinham no seu pensamento. Friedrich Schlegel afirma que “seria melhor não escrever obras cujo ideal não tem para o poeta realidade tão viva e, por assim dizer, tanta personalidade quanto a amada ou o amigo”, ou que “ao menos é certo que não se tornarão obras de arte”⁴⁷.

Essa convivência tornava possível, na prática, a subversão do princípio autoral na arte e na filosofia. Muitas vezes, os primeiros românticos escreveram

⁴⁵ Friedrich Schlegel, *O dialeto dos fragmentos* (São Paulo, Iluminuras, 1997), p. 140 (*Athenäum*, Fr. 441).

⁴⁶ *Ibid.*, p. 52 (*Athenäum*, Fr. 34).

⁴⁷ *Ibid.*, p. 65 (*Athenäum*, Fr. 117).

textos anonimamente, que seriam produções coletivas, nas quais não haveria uma só pessoa como autor, questionando a idéia de uma subjetividade empírica responsável por uma obra. Boa parte da *Athenäum* foi assim oferecida ao público, o que não deixa de ser mais uma versão da rebelião tipicamente romântica contra os cânones normativos, ou seja, contra a figura da autoridade. Foi o que eles chamaram de “simpoesia” e “sinfilosofia”, onde o prefixo “sin” significa “mesmo”, “junto”. Seria possível, então, estar numa mesma sintonia e, assim, poetizar ou filosofar junto, o que ressoa na formação concreta de uma comunidade filial.

*

Por conta da produção conjunta, que poderíamos mesmo chamar de escrita coletiva, é por vezes difícil discernir o “patrimônio intelectual” de cada um dos integrantes do primeiro grupo romântico, o quanto de originalidade pertence a cada um, o quanto um influenciou o outro. Mesmo antes da formação deste primeiro grupo em Iena, o trânsito de idéias era forte o suficiente para fomentar sobre si, hoje em dia, “um projeto de pesquisa substancial, ao qual Dieter Henrich, iniciador e líder deste trabalho, deu o nome de ‘pesquisa-da-constelação’”⁴⁸, como lembrou Manfred Frank, ele mesmo expoente decisivo dos estudos filosóficos sobre o romantismo. Não faltavam estrelas naquele céu histórico. Sabemos que “a fermentação era tão intensa que uma cronologia teria que ser calibrada não em anos, mas em dias; pretensões de prioridade e demonstrações de influências teriam que se erguer e cair na velocidade do correio”⁴⁹, como observou Marshall Brown.

Tarefa ainda mais árdua quando lembramos da importância que, no romantismo, tiveram, por exemplo, Goethe e Schiller. Primeiro, eles fizeram parte do movimento pré-romântico conhecido como “Tempestade e Ímpeto”, o *Sturm und Drang*, que teve em Herder o grande líder intelectual, mas que também se inspirava nas idéias de Hamann, pensador místico conhecido como “Mago do Norte”. Depois, através de certa mudança de rumo marcada pela viagem de

⁴⁸ Manfred Frank, *The philosophical foundations of early German romanticism* (New York, State University of New York Press, 2004), p. 177-189.

⁴⁹ Marshall Brown, *The Shape of German Romanticism* (Ithaca, Cornell University Press, 1979), p. 13.

Goethe para a Itália entre 1786 e 1788, onde toma contato íntimo com as obras antigas, ele e Schiller constituíram em Weimar certo classicismo, aparentemente em oposição aos românticos. Mas Weimar, que fica separada de Iena por não mais do que trinta quilômetros, entretinha grande contato com esta, seja por afinidade ou por embates que, em última análise, justificavam-se pelas questões em comum. Essa confusão aumenta porque Lessing e, sobretudo, Winckelmann, pertencentes à geração anterior à dos românticos, foram grandes influências em seu pensamento, a despeito de seu pendor clássico, o que problematiza, aliás, a oposição entre clássicos e românticos.

Na dimensão mais estritamente filosófica, os primeiros românticos situam-se no que ficou conhecido como pós-kantismo. E de fato o enfrentamento com a filosofia de Kant torna-se, em certo sentido, o enfrentamento da própria modernidade, para eles. Neste contexto, prepondera a influência pessoal e intelectual de Fichte, professor de muitos e inspirador de toda geração. Seu mais conhecido aluno, Schelling, participa do primeiro grupo romântico, como vimos, e depois desenvolve, dentro de sua linha própria e mais puramente filosófica, muitas das intuições gestadas ali. De quebra, embora mais distante em termos pessoais, o poeta Friedrich Hölderlin, em suas idéias, esteve próximo, muitas vezes, dos primeiros românticos. Hegel também fazia parte dessa geração, tendo sido companheiro de Schelling e Hölderlin no seminário de Tübingen. Sua juventude é muito marcada pelo romantismo, mas sua avassaladora consolidação filosófica madura não apenas deixa para trás o lastro romântico como o critica com violência. Embora mais distante, Humboldt, com suas reflexões sobre a linguagem, pertence ainda a esta cena.

Não faltaram, além disso, influxos tardios de outros grupos românticos que se seguiram ao primeiro baseado em Iena, como o de Heidelberg, em torno de 1806 até 1808, do qual participaram Clemens Brentano, Achim von Arnim, Bettine von Arnim, Joseph Görres e Eichendorff, sendo que a ele também foram ligados os irmãos Grimm. Entre 1808 e 1809, houve um grupo romântico em Dresden, centrado em Adam Müller e Heinrich von Kleist. Pouco mais tarde, surgia o romantismo de Berlim, que recebeu integrantes de Heidelberg e de Dresden, contando com figuras como Arnim, Brentano, Adelbert von Chamisso, Friedrich de La Motte Fouqué, E. T. A. Hoffmann e, num certo período, Kleist. Existiram, ainda, outros centros românticos, mas de menor projeção.

No meio dessa miríade de envolvimento intelectuais, “o próprio fervilhar do período frustra toda tentativa de derivar uma ‘escola romântica’ do movimento romântico”, o que torna “infrutífero procurar grupos fixos onde autores individuais estão incessantemente experimentando e onde nenhum pode ser seguro numa posição fixa”⁵⁰. Por isso, não apenas no romantismo, mas em todo esse período da cultura alemã, “não é possível compreender a evolução dum filósofo sem referir à dum outro”⁵¹.

Existe, porém, certo círculo que se forma especificamente em Iena. E não apenas no sentido do grupo, mas no de um certo modo de pensar no qual, não por acaso ou por deficiência, nenhuma “posição fixa” pode ser segura. Trata-se de circular, de se movimentar num círculo do qual, talvez, não haja saída, pois pensar não é achar a saída, mas ganhar, na circulação, o movimento. Friedrich Schlegel achava que a “filosofia ainda caminha demasiadamente em linha reta, e ainda não é suficientemente cíclica”⁵². Por isso, podemos empregar as expressões “grupo” ou “escola”, no caso dos primeiros românticos, com os significados rigorosos de “círculo” e de “movimento” num sentido filosófico.

Mas não é só isso. Tem mais, pois fazer a distinção entre os integrantes do grupo romântico e os que, mesmo situados no clima da estética romântica, não fizeram parte dele não é apenas um artifício historiográfico de rigor eventualmente desnecessário. É que, como vimos, os primeiros românticos constituíram um grupo em sentido literal. “Foram os próprios românticos de Iena, e isto assinala logo uma novidade digna da máxima atenção, a sentir-se e a querer apresentar-se como um grupo ao mesmo tempo compacto no seu interior e orientado polemicamente para o exterior”⁵³, conforme apontou Paolo d’Angelo. Em outras palavras, não é de fora que classificamos os primeiros românticos como grupo. Foram eles mesmos que assim se compreenderam e assim se apresentaram.

Eles não chamavam a si próprios, que fique claro, de românticos, nem foram os primeiros a usar a palavra. No sentido literário, o termo surge na Inglaterra, no século XVII, referindo-se ao modo dos velhos romances, mas não

⁵⁰ Ibid., p. 14.

⁵¹ Nicolai Hartmann, *A filosofia do idealismo alemão* (Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, s/d), p.13.

⁵² Friedrich Schlegel, *O dialeto dos fragmentos* (São Paulo, Iluminuras, 1997), p. 53 (*Athenäum*, Fr. 43).

⁵³ Paolo d’Angelo, *A estética romântica* (Lisboa, Editorial Estampa, 1998), p. 18.

definia o gênero literário como forma moderna típica, e sim a narrativa de aspecto fantástico com cunho cavaleiresco e amoroso, em geral proveniente de culturas românicas neolatinas, como a portuguesa ou a espanhola. Sua marca era a desobediência ao que seria o ideal clássico de equilíbrio e proporção, tendo, por isso, conotação pejorativa. Pouco a pouco, porém, seus personagens ganham apelo perante os leitores, justamente por seu caráter livre e conflituoso. Daí que, ainda hoje, associemos o romântico ao avatar das emoções e à subjetividade desenfreada. Essa associação, contudo, faz bem mais sentido em relação ao pré-romantismo. Lembremos, por exemplo, da onda de suicídios desencadeada entre os alemães pela publicação, por Goethe, de *Os sofrimentos do jovem Werther*.

Porém, com o grupo de Iena, o significado da palavra “romântico” muda bastante. Refere-se, às vezes, ao cânone que passa por Dante, Cervantes e Shakespeare. Pode ser aplicada para falar da tradição medieval. Em outros momentos, seu sentido aproxima-se daquilo que é simplesmente moderno. Mas, em geral, predomina o significado daquilo que ainda precisa ser feito, da poesia que deve ser produzida. Só que, como anunciou Friedrich Schlegel, essa poesia romântica, longe de estar restrita à forma literária, “abrange tudo o que seja poético, desde o sistema supremo da arte, que por sua vez contém em si muitos sistemas, até o suspiro, o beijo que a criança poetizante exala em canção sem artifício”⁵⁴. É em torno desse ideal amplo de poesia que se juntam aqueles que incluímos no ciclo do primeiro romantismo alemão, orientados ao mesmo tempo para o passado e para o futuro.

Este traço exige a autoconsciência que caracteriza o grupo e, em especial, Friedrich Schlegel. Portanto, “aquilo que conta não é tanto a homogeneidade efetiva do grupo (cujos participantes manifestam, aliás, desde o início grandes diferenças entre si), mas o projeto explícito de actuar na cena literário-filosófica”, como mostrou ainda Paolo d’Angelo, para concluir que foi, assim, “o primeiro movimento estético-literário em sentido moderno”⁵⁵. Por isso, Philippe Lacoue-Labarthe e Jean-Luc Nancy afirmaram, constantemente, que o primeiro romantismo “claramente antecipa a estrutura coletiva que artistas e intelectuais do

⁵⁴ Friedrich Schlegel, *O dialeto dos fragmentos* (São Paulo, Iluminuras, 1997), p. 64 (*Athenäum*, Fr. 116).

⁵⁵ Paolo d’Angelo, *A estética romântica* (Lisboa, Editorial Estampa, 1998), p. 18-19.

século XIX até o presente irão adotar”, completando que, “de fato, e sem qualquer exagero, foi o primeiro grupo ‘avan-garde’ da história”⁵⁶.

*

No grupo de vanguarda do primeiro romantismo, Friedrich Schlegel era a figura de proa, o pensador mais ousado. Por outro lado, a presença de Novalis foi decisiva, pois, além da cultura vasta, trazia a veia artística mais acentuada dentro do grupo. Também August Schlegel foi importante, em especial pela visão da teoria da arte como história da arte, bem como outros autores que compõem a cena intrincada de um momento raro no pensamento ocidental, quando num período de tempo muito curto e num espaço geográfico muito pequeno floresceram, de modo impressionante, a produção artística e a criação filosófica. Nenhum grupo romântico foi tão radical quanto este primeiro, reunido na cidade de Iena. Nem seus integrantes, seguindo cada um o seu caminho após a dissolução do círculo, mantiveram a radicalidade experimentada nesses poucos anos da virada do século XVIII para o XIX. Já em 1800, cessa a publicação da *Athenäum*.

Novalis morre em 1801, marcando o enfraquecimento do grupo. Schleiermacher aceita o cargo de pregador numa pequena cidade e abandona Berlim. Seus interesses mudam e mesmo quando volta suas reflexões para a estética, anos mais tarde, pouco resta da visão romântica. August Schlegel dedica-se à divulgação da estética romântica em cursos que foram decisivos na difusão das idéias do grupo, mas pouco acrescentaram a elas e, às vezes, simplificavam-nas. Se a Revolução Francesa, em 1789, impulsionara os jovens alemães ao frescor renovador, eles não passaram incólumes pela maré conservadora que se abateu sobre sua cultura a partir de 1815, com o fim das guerras de libertação face à dominação de Napoleão.

Friedrich Schlegel é o caso mais emblemático, motivo pelo qual é difícil pensar em evolução na sua obra⁵⁷. É verdade que, a partir de então, ele ainda escreve importantes ensaios sobre pintura italiana e arte gótica e cristã, além de fazer seu estudo pioneiro sobre a cultura da Índia. Porém, sua guinada

⁵⁶ Philippe Lacoue-Labarthe e Jean-Luc Nancy, *The literary absolute: the theory of literature in German romanticism* (New York, State University of New York Press, 1988), p. 8.

⁵⁷ Esta é a perspectiva adotada pelo, ainda assim, ótimo livro de Claudio Ciancio, *Friedrich Schlegel. Crisi della filosofia e rivelazione* (Milão, Mursia, 1984).

conservadora é clara, o que faz da nota biográfica de sua conversão ao catolicismo fato simbólico. Resta pouco da impetuosidade que marcara sua reflexão juvenil. Peter Szondi sugere que ele foi “um pensador pioneiro que cedo abandonou um caminho promissor”⁵⁸. E já se exclamou: “é naquele curtíssimo entretempo – iniciado em 1797, com o aparecimento da primeira série dos fragmentos, e não vai além de 1800! – que se elabora a assombrosa parcela da obra de Schlegel”⁵⁹.

Desconsiderar esse rápido abortar do que o romantismo foi na sua origem pode levar à acusação, já comentada aqui, de que ele seria politicamente conservador – embora seu apego quase exclusivo ao estético possa explicar este abortar, como sugeriu Lukács⁶⁰. Sem fazer distinção, caímos na confusão, pois, como notou Robert J. Richards, “ao considerar o caráter religioso e político do romantismo (...), o que precisamos ter em mente é que seu fim difere significativamente de seu começo”⁶¹. Daí o acerto de dizer que o momento de escrita da origem do romantismo, embora intenso e brilhante, foi breve.

Se o próprio Friedrich Schlegel não conseguiu, portanto, estar completamente à altura da reflexão produzida pelo primeiro grupo romântico de que fez parte, é possível que nós também não estejamos. Só o fato de que continuamos a imputar autoria a esta obra já é sinal de que nos falta algo para chegar a ela, já que, em grande parte, ela foi oferecida sem autor, como criação da própria linguagem a partir da escrita coletiva. Não demos conta, ainda, da concentração inovadora de pensamento na origem do romantismo. E isso, em certo sentido, não o deixa permanecer só no passado. Ele está no futuro, à espera de leitores, ainda que este futuro seja algo como o futuro do pretérito.

Seu ímpeto juvenil, aliado ao fôlego erudito e crítico, levou à contestação da hegemonia tanto do iluminismo quanto do neoclassicismo no interior da modernidade. Nem por isso, contudo, os primeiros românticos fizeram o simples elogio do novo como pretensão de começar tudo do zero, como alguns modernistas. Pelo contrário, a força da palavra crítica, para eles, estava relacionada justamente à capacidade de criar pela apropriação daquilo que já

⁵⁸ Peter Szondi, “Schlegel’s theory of poetical genres”, in *On textual understanding and other essays* (Minneapolis, University of Minnesota Press, 1986), p. 57.

⁵⁹ Luiz Costa Lima, *Os limites da voz: Montaigne, Schlegel* (Rio de Janeiro, Rocco, 1993), p. 226.

⁶⁰ Georg Lukács, *Die Seele und die Formen. Essays* (Darmstadt e Neuwied, Luchterhand, 1971), p. 65-72.

⁶¹ Robert J. Richards, *The romantic conception of life* (Chicago, The University of Chicago Press, 2002), p. 59.

existe, sem descartar, assim, o passado. Por isso, “Friedrich Schlegel e Novalis não apenas se encontram entre os fundadores da modernidade, mas, no ato mesmo da sua fundação, superam-na”⁶², como observou Márcio Seligmann-Silva. É que eles participam daquilo que Habermas chamou de “crítica estética da modernidade”⁶³. Foi Octavio Paz, por fim, quem descreveu melhor esta situação moderna do romantismo.

O Romantismo é a grande negação da modernidade tal como fora concebida pelo século XVIII e pela razão crítica, utópica e revolucionária. Mas é uma negação moderna, quero dizer: uma negação dentro da modernidade. Só a idade crítica podia gerar uma negação assim tão radical. O Romantismo convive com a modernidade e a ela se funde só para, uma e outra vez, transgredi-la.⁶⁴

Embora modernos, os primeiros românticos experimentaram certa estiagem no tempo moderno. “Estava a murchar o horto deleitoso da jovem estirpe”⁶⁵, explicou Novalis. Para ele, “só e sem vida a Natureza estava”, pois, acrescenta, “cingiram-na o árido número e a exigente medida, com cadeias de ferro”⁶⁶. Essa crítica romântica visava limitar o poder que a ciência moderna das Luzes gostaria de exercer, pois o intelecto, ao mensurar tudo através de cálculos, poderia matar a própria vida das coisas, motivo pelo qual deveria estar sempre acompanhado da imaginação estética – da poesia.

*

Não seria de bom tom, portanto, submeter os primeiros românticos ao critério de mensuração numérica que eles mesmos atacaram. Deveríamos, antes, lê-los criticamente, sabendo que, como disse Friedrich Schlegel, “crítico é um leitor que ruma” e que, “por isso, deveria ter mais de um estômago”⁶⁷. Essa tarefa não é simples, pois vai contra a pressa da técnica moderna que nos faz correr com as leituras, ao invés de remastigá-las ou remoê-las. “É certo que, a

⁶² Márcio Seligmann-Silva, *Ler o livro do mundo* (São Paulo, Iluminuras, 1999), p. 76.

⁶³ Jürgen Habermas, *O Discurso filosófico da modernidade* (São Paulo, Martins Fontes, 2000), p. 66.

⁶⁴ Octavio Paz, *A outra voz* (São Paulo, Siciliano, 1993), p. 37.

⁶⁵ Novalis, *Os hinos à noite* (Lisboa, Assírio & Alvim, 1998), p. 41.

⁶⁶ *Ibid.*, p. 41.

⁶⁷ Friedrich Schlegel, *O dialeto dos fragmentos* (São Paulo, Iluminuras, 1997), p. 23 (*Lyceum*, Fr. 27).

praticar desse modo a leitura como *arte*, faz-se preciso algo que precisamente em nossos dias está bem esquecido (...), para o qual é imprescindível ser quase uma vaca, e não um ‘homem moderno’: *ruminar*”⁶⁸, escreveu Nietzsche em passagem claramente inspirada na dos românticos. Mais do que classificar o romantismo e isto ou aquilo como romântico, podemos tentar corresponder a ele, sem defini-lo, ou seja, dar-lhe fim. Mesmo porque, como Friedrich Schlegel disse, “há classificações que são bastante ruins como classificações, mas dominam nações e épocas inteiras”⁶⁹. Melhor seria acompanhar aquilo que o ritmo romântico sugere para nós, como acontece na música de Schumann: “ela inicia como se continuasse um processo que já estava em movimento, e termina, sem resolução, em uma dissonância”⁷⁰, observou Charles Rosen.

Prefiro, assim, encerrar – ou começar – por aqui com as belas palavras da poeta portuguesa Sophia de Mello Breyner, que, ao definir o romantismo alemão, termina, paradoxalmente, não com um “árido” ponto final, mas com um ponto de interrogação. Suspeito que os românticos prefeririam assim.

A Alemanha romântica é um estio maravilhoso do tempo. Mas este estio não consegue deter os caminhos da civilização ocidental, não consegue deter os homens que trabalham incessantemente como as fúrias. Pois a Alemanha romântica não é uma época, é apenas alguns homens. E poderão alguns homens salvar o mundo?⁷¹

⁶⁸ Friedrich Nietzsche, *Genealogia da moral* (São Paulo, Companhia das Letras, 1998), p. 15.

⁶⁹ Friedrich Schlegel, *O dialeto dos fragmentos* (São Paulo, Iluminuras, 1997), p. 55 (*Athenäum*, Fr. 54).

⁷⁰ Charles Rosen, *A Geração Romântica* (São Paulo, Edusp, 2000), p. 79.

⁷¹ Sophia de Mello Breyner, “Hölderlin ou o lugar do poeta”, in Sofia Maria de Souza Silva, *Reparar brechas: a relação entre as artes poéticas de Sophia de Mello Breyner Andresen e Adília Lopes e a tradição moderna* – Tese de Doutorado (Rio de Janeiro, PUC-Rio Departamento de Letras, 2007), p. 127.